

IDENTIDADE CULTURAL E RESILIÊNCIA NAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO CASTAINHO E ESTIVAS, GARANHUNS, PERNAMBUCO.

CULTURAL IDENTITY AND RESILIENCE IN THE QUILOMBO COMMUNITIES OF CASTAINHO AND ESTIVAS, IN GARANHUNS, PERNAMBUCO.

Edvânia Valério da Silva Cavalcante

Técnica em Meio Ambiente – Instituto Federal de Pernambuco (IFPE) - Campus Garanhuns/PE.
E-mail: edvaniacavalcante@hotmail.com.br

Edinéa Alcântara de Barros e Silva

Doutora em Desenvolvimento Urbano e Pós-doutorado em Resiliência em Cidades e Comunidades - MDU/UFPE.
Professora do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE) - Campus Garanhuns-PE.
E-mail: edinea.barros@garanhuns.ifpe.edu.br

José Roberto Feitosa de Sena

Doutor em Sociologia – PPGS/UFPB
Professor do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego – PRONATEC, (IFPE *Campus* Garanhuns e *Campus* Igarassu). E-mail: joserobertosena86@gmail.com

Resumo

A resiliência comunitária é compreendida como a capacidade de uma comunidade suportar e superar adversidades. Diante disto, é notória a resistência e luta das comunidades quilombolas em buscar reconhecimento, direito a suas terras e igualdade social. O trabalho realizado teve como objetivo investigar a resiliência das comunidades quilombolas Castainho e Estivas, Garanhuns- PE, importante recurso para a cultura e história da comunidade. Este trabalho, de caráter exploratório, foi realizado por meio de visitas periódicas à comunidade do Castainho e Estivas, partindo também de um levantamento histórico e cultural, por meio de dados bibliográficos. Durante as visitas foram realizadas entrevistas exploratórias semiestruturadas, gravadas com moradores das comunidades. A realização desse trabalho possibilitou identificar aspectos da resiliência, tanto nos moradores, como na comunidade quilombola do Castainho e Estivas. Através dos conhecimentos obtidos foi possível refletir sobre a importância histórica das comunidades quilombolas e perceber sua força e história de luta para enfrentar as adversidades para preservarem a terra e suas raízes.

Palavras-chave: Resiliência. Resiliência Comunitária. Identidade Cultural. Comunidades Quilombolas. Castainho, Estivas. Garanhuns – Pernambuco.

Abstract

Community resilience means a community's capacity to cope with and overcome adversity. The resistance of quilombo communities is a byword in the struggle for recognition, land rights and social equality. The objective of this study was to investigate the resilience of the quilombo communities of Castainho and Estivas in Garanhuns, Pernambuco, which is an important resource for the culture and history of the wider quilombo community. This exploratory study was carried out through regular visits

to the Castainho and Estivas communities, and it has also been drawn on a cultural and historical survey based on bibliographical data. During these visits, semi-structured exploratory interviews with residents were carried out and recorded. This study allowed aspects of resilience to be identified, both among individual residents, and the communities of Castainho and Estivas as a whole. The knowledge gained throughout the study supported reflections on the historical importance of the quilombo communities and greater understanding of their strength and history of struggle in adversity to retain their land and keep in touch with their roots.

Keywords: Resilience. Community Resilience. Cultural Identity. Quilombola Communities. Castainho, Estivas. Garanhuns – Pernambuco.

1 Introdução

A comunidade do Castainho foi estabelecida em 1695, mesmo ano da destruição do Quilombo de Palmares; sua história está relacionada com aos negros resistentes deste importante e emblemático Quilombo, símbolo de resistência organizada dos escravos frente às forças escravagistas do império, que existiu fortemente na região situada ao sul do estado de Pernambuco e ao norte do estado de Alagoas. Os moradores de Castainho identificam a origem da comunidade com a destruição do quilombo de Palmares, tendo sido fundada por um grupo de negros que fugiram da guerra que destruiu Palmares. Atualmente moram 250 famílias na comunidade quilombola, que teria sido formada por descendentes da guerra que foi liderado por Zumbi, conhecido como o maior líder de resistência negra (CASTAINHO, 2015).

A comunidade quilombola de Estivas está localizada a sete quilômetros do centro de Garanhuns, reconhecida pela Fundação Palmares como comunidade remanescente quilombola e está passando por um processo de demarcação de terras pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - Incra. (ESTIVAS, 2016).

Segundo dados da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (2013) no Brasil, existem 2.197 comunidades quilombolas reconhecidas oficialmente. Das 2.040 certificadas, 63% estão no Nordeste. Estima-se 1,17 milhões de quilombolas em todo o Brasil. Das 80 mil famílias quilombolas cadastradas, 74,73% estão em situação de extrema pobreza, sendo 79,78% beneficiárias pelo Programa Bolsa Família, 24,81% não sabem ler e 82,2% desenvolve atividades de agricultura, extrativismo ou pesca artesanal. 55,21% não possui água canalizada, 33,06% não possui banheiro ou sanitário e 54,07% não possui saneamento adequado.

Entendidos como grupos étnicos, os quilombolas são constituídos predominantemente pela população negra, residente em áreas rurais ou urbanas, que

se auto definem a partir das relações com a terra, o parentesco, o território, a ancestralidade, as tradições e práticas culturais próprias. (CARUSO, 2005).

De acordo com o artigo 2º do Decreto 4887/2003, consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida.

O conceito de resiliência tem sido bastante discutido nas últimas décadas. Tradicionalmente está associado à capacidade de um sistema em absorver perturbações e se reorganizar quando sujeito a mudanças, sendo capaz de manter o essencial de suas funções, estrutura, identidade e mecanismos (WALKER et al., 2004).

Identidade cultural é entendida como a incorporação de costumes, valores, expressões idiomáticas, danças, canções que se transformam em componentes inerentes ao grupo, o que outorga um sentimento de identidade e de permanência a esse grupo que permite enfrentar e elaborar as influências de culturas invasoras. (OJEDA, 2005, p. 50) Em muitas situações essa identidade ajuda a superar as adversidades e permite uma maior coesão do grupo. Um clássico exemplo é a comunidade judaica que preserva suas tradições. No entanto, vale considerar que a coesão grupal e a manutenção das identidades e tradições não é entendida aqui como algo cristalizado, mas sim, que dialoga com a modernidade de maneira não passiva, agenciando interesses e sendo afetada pelas mudanças modernizantes de modo que protagoniza a continuidade dos seus elementos tradicionais sem se fechar no grupo ou parar no tempo. Entendemos a noção da tradição como Sena (2012), portanto como “tradição viva”, que segue o dever da sua história tomando as rédeas dos movimentos e caminhos que percorrem.

Este artigo investiga a resiliência comunitária e a identidade cultural dos moradores das comunidades quilombolas Castainho e Estivas, enfatizando a importância dos integrantes em sua comunidade, através das práticas culturais por eles realizadas, sua memória e sua identidade. A parte empírica foi realizada por meio de entrevistas com roteiro prévio, pela participação e observação em reuniões, de sua comunidade. Buscamos identificar os laços com a terra, a cultura e os modos de preservação da cultura e tradição quilombola. Nesta perspectiva o texto aborda o

percurso metodológico instrumentalizado na investigação de campo e um breve debate interdisciplinar sobre o conceito de resiliência aplicado às comunidades tradicionais, focando também na participação ativa feminina e no seu empoderamento na tomada de decisões e no protagonismo na defesa da cultura quilombola.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Pinheiro (2004) aborda a palavra resiliência a partir de sua gênese etimológica. Do latim *resiliens*, que significa saltar para trás, voltar, ser impelido, recuar, encolher-se, romper. Destacado na psicologia social, resiliência foi um conceito sistematizado por Viktor Frankl (2006) a partir da sua experiência aviltante no campo de concentração nazista durante a segunda guerra mundial. Sua vivência degradante neste insólito ambiente de adversidade radicalizada o permitiu *buscar sentido* para a vida em meio a tal contexto, procurando criar condições emocionais, afetivas e de autoestima para o enfrentamento do revés, para isso explorou o sentido existencial do indivíduo e de sua capacidade de criação, imaginação e resistência.

No campo das ciências sociais o conceito de resiliência tem sido bastante discutido nas últimas décadas. Tradicionalmente está associado à capacidade de um sistema em absorver perturbações e se reorganizar quando sujeito a mudanças, sendo capaz de manter o essencial de suas funções, estrutura, identidade e mecanismos (WALKER et al., 2004).

Na área da socioecologia o conceito vem sendo abordado por pensadores como Walsh (2003, p. 4) que define: “[...] como a capacidade de reagir à adversidade, ficar mais forte e com mais recursos. É um processo ativo de resistência, auto recuperação, e crescimento em resposta à crise e ao desafio”.

A resiliência comunitária é o contínuo desenvolvimento da capacidade que os indivíduos desta comunidade possuem para lidar com seus problemas, superar obstáculos, enfrentar as dificuldades que surgem durante sua vivência e também de resistir a fortes pressões, que ocorrem em situações adversas (MELILLO; OJEDA, 2005). Sendo assim, a resiliência de uma comunidade ou sua habilidade sustentável de resistir e se recuperar de adversidades tem-se tornado uma questão chave nos vários níveis governamentais. Uma vez que estes recursos são limitados em situações de emergência, a resiliência tem sido considerada um recurso importante na

habilitação de comunidades para reduzir o longo processo de recuperação após uma emergência. (CHANDRA et al., 2011, p. 5).

A resiliência de uma comunidade está associada à sua capacidade de aproveitar seus próprios recursos internos diante de adversidades, sendo capaz de restaurar-se e reconstruir-se após uma crise. Dessa forma, o envolvimento do cidadão na tomada de decisões, no planejamento, resposta e recuperação é central e implica a participação ativa de moradores da comunidade na resposta e no planejamento dessa recuperação (CHANDRA et al., 2011).

Grotberg (2005, p. 16-17) sintetiza as bases da resiliência individual nas afirmações: “eu tenho” (apoio de pessoas em quem confio); “eu sou” e “eu estou” (associadas ao desenvolvimento da força intrapsíquica, ser amado, amar e respeitar o outro, ter responsabilidade pelos seus atos, ter confiança no futuro); e “eu posso” (adquirir habilidades interpessoais e resolver conflitos, enfrentar os problemas e encontrar apoio nos outros). Um indivíduo que estiver com tais condições tem grande potencial para ter uma conduta resiliente e buscar viver e aprender com as experiências adversas.

Líderes com conduta resiliente terminam por propagar tais condutas nas comunidades em que atuam e contribuem com a resiliência dessas comunidades ao estresse cotidiano e a situações extremas, como observado por Alcântara et al. (2014), ao analisarem duas comunidades no Recife, que convivem com alagamentos frequentes (Beco do Óleo) e deslizamento de barreiras (UR-12). Portanto, comunidades resilientes seriam aquelas capazes de desenvolver formas efetivas de lidar com desafios. Como os indivíduos resilientes, essas comunidades buscam recursos para enfrentar positivamente as adversidades: recursos internos, externos, (i)materiais.

A resiliência traz consigo a ideia de que há determinadas condições que permitem resistências e capacidades de enfrentar as adversidades que se apresentam. Essa abordagem enfatiza a necessidade de se tomar em consideração o contexto sociocultural e as relações entre as pessoas e com o ambiente em que elas vivem, para que se possa melhor compreender a resiliência.

Ao analisarem a resiliência comunitária, Brown e Kulig (1996, p. 31) a definem como “a habilidade de se recuperar ou ajustar-se facilmente de adversidades ou uma vida continuamente estressante”. Ganor e Ben-Lavy, (2003, p. 106) a conceituam

como “a habilidade de indivíduos e comunidades de lidarem com um estado de stress contínuo e de longa duração”, e se referem à “habilidade de encontrar forças internas e recursos desconhecidos para lidar efetivamente com pressões de longo prazo”.

A resiliência comunitária é o resultado de um arranjo complexo de condições, atitudes e ações que gera resultados positivos e resulta no enfrentamento das dificuldades pela comunidade.

Ojeda (2005, p. 50) e Ojeda e Autler (2006, p. 274-278) identificam alguns pilares fundamentais da resiliência comunitária:

- i. Autoestima coletiva – atitudes e sentimento de orgulho pelo lugar em que se vive;
- ii. Identidade cultural – incorporação de costumes, valores, expressões idiomáticas, danças, canções que se transformam em componentes inerentes ao grupo;
- iii. Humor social – capacidade de alguns grupos ou coletividades de “encontrar comédia na própria tragédia”;
- iv. Adequada gestão governamental e honestidade coletiva ou estatal – manejo decente e transparente da função pública;
- v. Espiritualidade – independentemente de credos, rezar unido acelera a recuperação e facilita a prática da solidariedade e o fortalecimento da confiança na capacidade das pessoas de superarem situações difíceis (OJEDA; AUTLER 2006, p. 277; ALCÂNTARA, 2011).

A modernidade entendida para muitos pensadores como uma era de “liquidez” (BAUMAN, 2001) em que tudo “se desmancha” (FEATHERSTONE, 1997), deve ser, aqui, relativizada, entendemos a modernidade como um processo multidimensional que atinge as comunidades de modo assimétrico e polissêmico, graças, entre vários fatores, à capacidade de posicionamento social que os agentes ocupam nos campos. Pensando a comunidade quilombola como um campo social (BOURDIEU, 2008), observamos sua capacidade agenciadora no processo de manutenção de sua identidade cultural, não sendo esta um elemento movido à deriva na globalização avançada. A identidade cultural é um elo de ligação entre os membros do grupo, que consolida relações sociais de interesse e características predominantemente comuns.

Embora inexista homogeneidade cultural, a capacidade de consonância grupal é um fator que contribui significativamente para a resiliência comunitária.

Em relação à persistência de sociedades que preservam sua identidade cultural, Panez & Silva citado por Ojeda (2005, p. 51) afirmam que esse reconhecimento, do que é próprio de nossa cultura, gera uma forma de avaliação coletiva que potencializa o uso de diversos tipos de recursos para enfrentar e superar a adversidade. Portanto, as populações que respeitam e exaltam suas culturas tradicionais mostram maior capacidade de recompor e renascer após numerosas adversidades. E afirma que “[...] quanto mais garantida está a identidade cultural de um povo, maior é sua capacidade de enfrentar o multiculturalismo, sem perder sua identidade pessoal.” (OJEDA, 2005, p. 51).

3 METODOLOGIA

Inicialmente foi realizada uma pesquisa de campo, de abordagem qualitativa e de caráter descritivo exploratório, no período de fevereiro a dezembro de 2015 e de fevereiro a dezembro de 2016. Um estudo qualitativo leva em consideração os sentidos e as significações dos fenômenos, buscando ouvir e observar os sujeitos da pesquisa bem como interpretar os seus relatos (TURATO, 2003). Bogdan e Biklen (1994), enfatizam que esta forma de investigação tem o ambiente como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento para o acolhimento, análise e apresentação dos dados. “A pesquisa de caráter qualitativo exige do pesquisador uma observação e descrição profunda do seu objeto, aproximando-se o quanto possível do grupo estudado para que possa interpretar seus fenômenos.” (SENA, 2012).

O levantamento bibliográfico tomou por base sites de pesquisas, livros e artigos científicos tendo como finalidade principal a construção de dados capazes de levar para a sociedade a história das comunidades quilombolas.

Este trabalho foi realizado por meio de visitas periódicas, às comunidades quilombolas Castainho e Estivas, através do projeto de extensão: Fortalecendo a Resiliência de Comunidades Quilombolas em Garanhuns-PE. Foram realizados levantamentos de informações a partir de entrevistas individuais e por observação direta.

Foram realizadas entrevistas com roteiros semiestruturados, elaborados pelos estudantes e coordenação do projeto de extensão, além de aplicação de questionários para traçar o perfil dos moradores da supracitada comunidade. Sobre a entrevista semiestruturada Angrosino (2009, p. 61) afirma: “entrevistar é um processo que consiste em dirigir a conversação de forma a colher informações relevantes”. A entrevista semiestruturada, que não se opõe à entrevista aberta é utilizada na pesquisa de campo com intenções pré-determinadas, visando melhor direcionamento na aquisição das informações específicas. Para além das entrevistas, um método fundamental para imersão dos pesquisador em campo foi a observação participante, muito útil, pois, passa-se a fazer parte, da vida e do cotidiano daquelas pessoas.

Há necessidade de desenvolver algumas aptidões indispensável ao trabalho de um bom pesquisador de campo com habilidade linguística, consciência explícita, boa memória, olhar atento e paciente e escrita aperfeiçoada. (ANGROSINO, 2009). Torna-se difícil realizar um satisfatório trabalho de observação de campo sem que tenhamos estes requisitos, que possibilitam, além de um bom resultado final, “a aceitação e legitimação do pesquisador entre os pesquisados, eliminando os abismos desta dicotomia” (SENA, 2012, p. 24).

Tanto as visitas exploratórias quanto as entrevistas realizadas com os moradores das comunidades quilombolas do Castainho e Estivas foram registradas por meio de câmera fotográfica gravadora com tripé, captadores de som, notebook e roteiro de perguntas, com utilização de gravador de áudio. Entendemos que a imagem é uma representação construída estética, técnica e culturalmente, e que, mesmo o material visualizado sendo ligado diretamente ao contexto da realidade, não pode ser compreendido desvinculado dos processos de construção de sua representação (KOSSOY, 1998). Durante as visitas foram entrevistados e observados em diferentes contextos (registrados por multi-instrumentos) homens e mulheres moradores das comunidades, onde as visitas exploratórias visaram, além de uma abordagem geral de suas vidas, um breve conhecimento sobre as plantas para fins medicinais da comunidade quilombola de Estivas, que teve como finalidade identificar as formas de preservação da cultura e tradição quilombola a partir dos laços da comunidade com a terra e por meio das manifestações culturais da comunidade de Castainho e Estivas.

Após a transcrição, foram selecionados depoimentos que evidenciavam manifestações de resiliência e ajudaram a compreender como se materializavam. Alguns depoimentos foram citados como evidência de tais manifestações.

4 IDENTIFICAÇÃO DO PÚBLICO ALVO

Durante o desenvolvimento da pesquisa e extensão nas comunidades quilombolas do Castainho e Estivas, foram entrevistados membros da associação de moradores, idosos, mulheres e artistas culturais. Aos entrevistados foi aplicado o termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE de acordo com os parâmetros nacionais para pesquisas com seres humanos e com as normas do Instituto Federal de Pernambuco – IFPE. Visando a coleta das informações e realização da pesquisa e da extensão por meio do consentimento dos entrevistados, ao concordarem e ter conhecimento de quaisquer declarações, opiniões e palavras que fossem proferidas durante os encontros, quando citadas. Também que fossem usados os seus depoimentos nos projetos de extensão e pesquisa do IFPE, bem como em outros trabalhos de pesquisa, acadêmicos, artigos, apresentação em encontros e publicações de caráter acadêmico ou científico. Como também a concordância que as fotos dos encontros nos documentos e eventos anteriormente referidos, fossem usadas, desde que tivessem o caráter acadêmico, científico e de pesquisa. Desta forma, sendo preservados no anonimato das declarações de quem os proferiu.

5 ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS

Fioraso et al. (2013), ressalta que Castainho possui mais de 250 famílias e sobrevive da produção de mandioca. Em 23 de novembro de 2009, receberam do presidente Lula, em Salvador, o título de reconhecimento como comunidade quilombola. Em abril de 2012, 30 anos depois do início dos conflitos, receberam a imissão de posse de 183 hectares. Embora seja pouca terra para os padrões dos quilombolas, a comunidade avalia como uma grande vitória depois de tanta resistência e luta.

Durante a realização do trabalho foram identificados fortes traços de resiliência na luta pela terra e na resistência para preservarem seus costumes tradicionais, como pode ser visto pelos depoimentos.

Devido à ancestralidade a comunidade quilombola do Castainho possui fortes laços com a terra, como tem-se percebido nas demais comunidades quilombolas existentes, uma vez que a principal fonte de renda e sobrevivência é adquirida através do trabalho na terra.

A partir das falas dos entrevistados da Comunidade Quilombola do Castainho, foi confirmado que os moradores utilizam como uma das principais fontes de renda o cultivo do milho, o feijão e a mandioca. Porém, a mandioca é o principal, tendo como subprodutos a farinha, o beiju e a tapioca. Além desses alimentos, também são realizadas outras atividades na agricultura para complementar a agricultura de subsistência, tais como: algumas árvores frutíferas como a banana, a jaca e a manga. Assim como o feijão de corda, o guandu, o cabocusso, planta medicinal e de alimentação também, a macaxeira, a batata doce e o inhame. Além desses alimentos são comercializados a goma, o beiju, a tapioca, o bolo de milho e o bolo de trigo. Os alimentos são vendidos em feiras livres por dois dias semanais, no sábado os produtos são comercializados na feira da ceaga e no domingo na feira da COAHB 2, em Garanhuns. Os produtos são comercializados e utilizados para consumo próprio. Desta forma, a comunidade fortalece os laços com a terra e sua cultura, como pode ser visto no relato a seguir:

Aqui não tem semente definida, porque, vamos supor, a gente planta feijão de corda, feijão branco, feijão preto, safra nova, e também a gente planta fava, guandu e o cabocusso, é um feijão que ele é como quase fava. [...] De plantação de mandioca a gente planta macaxeira pacaré, aí quando é no outro ano a gente planta a macaxeira ou manteiga, ou rosinha, batata doce, inhame. Tudo que dá vontade da gente plantar a gente planta. Aí a história é que a gente não tem uma coisa definida pra plantar, porque quando der vontade, a gente arruma uma maniva aí vai plantar um cozinhado de macaxeira, aí não tem uma coisa definida, a gente planta o que der vontade. (E1). (CAVALCANTE & ALCANTARA, 2015).

Alcântara & Cunha (2015) apontam a resiliência de Castainho representada na sua luta contra os grileiros das áreas rurais, que usurpam as terras de quem sempre ali morou e que sua história mostra a saga de resistência e luta reivindicando seu território, durante 30 anos de ameaças e perseguições. Por fim, salientam que

atualmente Castainho é referência e multiplica sua experiência apoiando outras comunidades locais.

A partir dos relatos coletados durante as entrevistas, foram identificadas evidências de resiliência, através das lutas e resistências dos moradores da comunidade quilombola do Castainho, no momento em que o entrevistado (E2) fala que a comunidade é nascida e criada nas terras de Castainho. Dessa forma, trabalhando e adquirindo forças para resistir às adversidades:

Essa luta eu não estou lembrado o ano, mas foi nessa luta da terra da comunidade aqui. Mano imóveis, Elias e Antônio Vaes, três proprietários que tem aqui dentro. A comunidade nasceu e se criou dentro da terra, eles queriam nos expulsar, queria nos tirar daqui de dentro, foi que a gente botou o pé na tábua e conseguimos como nós mesmo, quilombolas, nós concluímos: nós tínhamos a posse da terra, porque a gente nasceu e se criou trabalhando dentro da terra, a terra já era da gente. Nós nos juntamos tudo, trabalhamos dentro da roça, veio toda a imprensa pra poder a gente conseguir, toda imprensa, pra filmar e conhecer os direitos da gente, que a gente tinha direito, e nós não podíamos sair. [...] Mas risco de morte nós enfrentamos porque teve cara que veio dizendo que era dono da terra sem ser, inclusive a imobiliária, foi mais quem enfrentou a gente. Foi a imobiliária de Garanhuns, de Mano imóveis, essa foi quem deu mais dor de cabeça a nós aqui. [...]

É porque eu nasci e me criei-me aqui dentro, nasci e me criei-me e essa posse dessa terra já vinha dos antepassados da gente, a história dela é longa, ela vem da fundação cultural Palmares. Os negros pra chegarem aqui dentro, eles vieram fugidos pelo rio Mundaú e aqui se apossaram; não tinha dono de terra, os grileiros começaram fazer; nem arame não tinha, era levada, quando se apossaram de cartório para fazer a levada dizia: essa terra aqui é minha e deixava só o trequinho dos negros, a morada. Daí eles cercaram com valado e nós começamos a trabalhar dentro da terra, eles não diziam nada e com o tempo, agora a pouco, foi que vieram dizer que nós tem que sair da terra. (E2). (CAVALCANTE & ALCANTARA, 2015).

A partir do relato coletado junto ao (E2), ele relata a história da comunidade, a luta pela terra, a superação de alguns transtornos vivenciados e as conquistas obtidas até o presente:

Eu fui ameaçado aqui. Nesse tempo eu jogava jogo do bicho, aí eu vinha da rua e o cara da imobiliária com três pistoleiros, me pegou lá na COHAB II, aí me encostou no canto, aí gritou que eu tinha pegado o povo e tinha botado na terra dele, pra invadir a terra dele. Eu só gritei pra ele que eu era trabalhador igualmente os outros, do jeito que os outros trabalhadores eram trabalhador e trabalhava na terra dele, eu

também trabalhava, só que, se pra sair um, saía tudo e se não saísse um não saía nenhum. Fizemos uma reunião à noite com os trabalhadores, ele não veio. Quando foi depois pegamos força da imprensa, aí jogamos o batalhão dentro da roça, dentro do mato, aquele mutirão, aí ele veio de lá pra cá; aí estava a difusora, estava a polícia, estava a rede globo, estava tudo. Aí quando resolveu a história, disseram, ah e é assim é? A imobiliária é quem quer invadir o que é de vocês e não vocês invadir a imobiliária? E ver a história que a gente nasceu e se criou aqui dentro, como é que eu vou invadir um patrimônio que é meu; é meu, porque se eu nasci aqui e criei-me aqui dentro, isso aqui é meu. Eles que vem de fora, era quem queria expulsar nós pra fora. (E2). (CAVALCANTE & ALCANTARA, 2015).

A partir do discurso coletado junto ao (E2), foi possível perceber sua força e valorização, ao responder: Como se sente como membro da comunidade quilombola do Castainho enquanto morador da Comunidade?

Não tem tamanho pra você falar como se sente dentro da comunidade, porque a gente nasceu e se criou aqui, e agora não tá com muito tempo que nós passamos a ser quilombo, então, nós não sabe a força que nós tem na mão, nós não sabe, nós não sabemos, e se a gente soubesse a força que nós tem na mão, como um quilombola aqui dentro, aí nós era outro. (E2). (CAVALCANTE & ALCANTARA, 2015).

4.1 Reuniões mensais da liderança e os integrantes da Comunidade Quilombola do Castainho.

As reuniões mensais em Castainho ocorrem na primeira segunda-feira do mês. Os remanescentes do quilombo costumam reunir-se na sede de suas comunidades para discutir os problemas da comunidade, assim, como de suas soluções e necessidades. Os assuntos abordados nas reuniões são diversos, tais como: distribuição de gastos, cadastros, renda e organização das atividades culturais realizadas na comunidade, como por exemplo, a Festa da Mãe Preta, que acontece todos os anos no mês de maio na comunidade do Castainho.

A Festa da Mãe Preta é composta apenas por comunidades quilombolas, existentes no município de Garanhuns. Atualmente existem seis comunidades quilombolas em Garanhuns-PE: Timbó, Caluete, Estrela, Tigre, Estivas e Castainho, foco de estudo.

Durante a realização dessa festa é fortalecida a identidade cultural dos remanescentes do quilombo, por meio de apresentações culturais. Também é fortalecida a cultura do côco, por ser uma das atrações mais simbólicas das

comunidades quilombolas, representando a tradição quilombola e fazendo parte da história do quilombo.

As festas exteriorizam a imagem de um grupo, reafirmam sua identidade e seus laços de fraternidade e sociabilidade e devem ser entendidas como momentos do lazer artístico do povo, da representação de sua visão de mundo, de suas práticas de diversão e de suas formas de dialogarem com o sagrado (SENA, 2012, p. 47).

Estão no limiar entre a realidade intramundana e a esfera mítica, relação afro-sagrada e lúdica profunda que fortalece os laços comunitários. As festas compõem o momento em que o grupo projeta simbolicamente sua representação no mundo (VOVELLE, 1987). É importante no papel de alívio das pulsões sociais e da internalização das regras que organizam as comunidades das quais os indivíduos fazem parte. (ELIAS, 1992).

Contudo, além das atrações de cunho cultural, de origem africana e pernambucana, seguidas de geração a geração, de seus antepassados, os homens e as mulheres da comunidade quilombola do Castainho e Estivas deliberam o trabalho na agricultura, ou seja, o manejo da terra para a agricultura de subsistência. Enquanto os homens trabalham no manejo da terra e plantio das sementes, as mulheres trabalham na preparação do subproduto, como por exemplo: no preparo da mandioca, na casa de farinha, tendo como subproduto a goma para a tapioca, a massa de mandioca para o beiju e a farinha. Desta forma, fortalecendo o vínculo com a terra e sua cultura, tendo em vista a sua importância para a comunidade local interna e externa.

4.2 Resiliência Quilombola

As visitas feitas à Comunidade Quilombola do Castainho e Estivas foram realizadas com a finalidade de fortalecer a resiliência das comunidades através das atividades desenvolvidas junto aos moradores, também para observar o andamento das reuniões e a participação do integrante da comunidade, no espaço o qual está inserido, para desta forma, analisar como estes se sentem e como se veem como membro da comunidade quilombola, também para identificar quais as maiores dificuldades que os moradores das comunidades enfrentam no dia-a-dia. Assim, como

identificar os laços com a terra, a cultura e os modos de preservarem a cultura e tradição quilombola, bem como de contar a história dessas comunidades quilombolas, existentes no município de Garanhuns - PE.

A partir dos dados coletados nas comunidades estudadas, foi verificado que tanto em Castainho como em Estivas, os moradores permanecem preservando sua cultura e tradição quilombola, seguidas por seus antepassados, através das lutas por posse de terra, do vínculo com a terra, do manejo da terra para a agricultura de subsistência e também por meio de atividades culturais de origem africana e pernambucana. Dessa forma, fortalecendo-se através da dança, por meio das atrações culturais como: a dança do coco, a dança afro, o afoxé, o maracatu e a dança dos guerreiros. Assim como se tem percebido nas demais comunidades quilombolas existentes em Garanhuns.

Embora ambas as comunidades tenham tradições e costumes semelhantes para manterem-se preservados em sua cultura, a memória, a história e identidade cultural, como remanescente de quilombo, herdado de seus antepassados, tanto em Castainho como em Estivas, os moradores da comunidade realizam atividades específicas que prevalece como principal forma de preservação da cultura e tradição quilombola.

Através das visitas feitas à Comunidade Quilombola do Castainho, foi verificado e confirmado nas entrevistas que os moradores têm como principal atividade realizada para manterem-se preservados na cultura e tradição quilombola, a luta pela posse de terra e o manejo da terra para agricultura de subsistência, sendo o trabalho na agricultura a principal fonte de renda e sobrevivência da comunidade.

Na casa de farinha foram registradas grande quantidade de mandioca com casca, para a produção da farinha. O processo de limpeza é realizado pelas mulheres da comunidade do Castainho. Em determinado momento, foi possível juntar-se a elas e ajudar no que estavam fazendo, o que fez com que percebêssemos sua dignidade e necessidade de valorização através de sua contribuição com o trabalho realizado na casa de farinha. Após o processo de limpeza da mandioca (Figura 1). As mulheres levam as raízes para a forrageira, dando andamento ao processo de finalização da farinha, (Figura 2). Além das mulheres prepararem a mandioca para a produção da farinha, também trabalham para a produção da goma, evidenciando mais uma contribuição das mulheres para a preservação da cultura e tradição quilombola, como

também mais uma forma de conquistar seu espaço e valorização na comunidade, uma vez que elas seu trabalho de feira de todas as suas atividades



contribuem com o segunda a quinta-semanas, além de domésticas.

Figura 1. Moradoras preparando a produção da farinha



do Castainho mandioca para a

Figura 2. Etapa de moagem da mandioca para o andamento da farinha

A partir da fala da E3, moradora da Comunidade Quilombola de Estivas, foi confirmado que os moradores fortalecem suas tradições por meio de atividades culturais, como a dança do côco, a dança afro, afoxé, maracatu e a dança dos guerreiros. Desta forma, mesmo que a tradição seguida por seus antepassados com relação ao trabalho na terra não esteja tão presente, são as atrações culturais as principais atividades realizadas pelos moradores da comunidade de Estivas, que prevalecem como principal forma de preservação da cultura e tradição quilombola:

Através da cultura existente na comunidade e o histórico que tinha antes, hoje a gente se fortifica através dos grupos que são os filhos dos filhos, dos netos, dos tataranetos, das pessoas que praticavam e que algumas hoje não existem mais e algumas que participaram que hoje não participam mais por conta de idade, mas que ainda acompanham. Então a gente tenta se fortificar através de cada passinho para que não deixe morrer. Aqui já tem um coral que é regido por um grupo de percussão e um grupo de dança o qual a gente trabalha as origens antepassadas que começou aqui com samba de côco. A gente dança o côco tradicional que é o côco de roda que é dançado em fileiras. Hoje como filho desses mais velhos a gente trabalha em cima da cultura. A gente tem palestras toda quarta-feira à noite, tem ensaios com os grupos. Através desse ponto de cultura a gente sempre está trabalhando a cultura dentro da comunidade, porque se a gente não tem trabalhado já tinha acabado, porque tem comunidades que não existe mais grupos culturais. Pelos estudos que a gente buscou, a gente descobriu que aqui antes o pessoal só dançava o samba de côco. A história do samba de côco é que antigamente apiloava o piso das casas, que não tinha piso, era barro e eles dançavam sem saber que era uma dança, apiloava. Era uma festa quando concluía uma casa, que era aquelas casas de taipa que concluíam e eles iam fazer a pisada. Aí a gente foi buscando e descobriu que era realmente samba de côco. A gente foi buscando e hoje a gente tem um grupo que dança côco, afoxé de rua, que só é o

toque com ritmo, maculelê, passo afro, coisa da cultura negra mesmo. (E3). (CAVALCANTE; ALCÂNTARA, 2016).

A partir dos relatos coletados junto a algumas moradoras da Comunidade Quilombola de Estivas, foi possível identificar que as mulheres são de fundamental importância para a preservação e resgate da cultura e tradição quilombola, seguida de seus antepassados, através das atrações culturais realizadas por elas. Outra forma de fortalecimento da resiliência individual e comunitária tanto das mulheres de Castainho e Estivas, quanto das mulheres das outras comunidades quilombolas existentes nos municípios de Garanhuns, é a apresentação de atrações culturais, através dos grupos culturais existentes nessas comunidades e também a sua contribuição no trabalho. Como se pode perceber através do manejo da mandioca para produção da farinha e da goma para a tapioca.

Na Comunidade Quilombola de Estivas os integrantes fortalecem a cultura e tradição quilombola por meio das manifestações culturais realizadas pelo grupo de dança: Negra Atitude, o Grupo Quilombola de Axé, e o coral Vozes do Quilombo, composto por trinta mulheres residentes na comunidade, casadas e solteiras. A comunidade conta também com o coral infantil do grupo Afro Mirim, composto por vinte meninas da comunidade de Estivas, as quais se apresentam durante o Festival Cultural Quilombola que acontece todos os anos na comunidade, no mês de maio. Assim, mostrando suas raízes através das atrações culturais que seguem dos mais velhos aos mais novos membros das comunidades quilombolas. Os ensaios dos grupos culturais acontecem aos sábados no salão da associação dos moradores da comunidade. Além da atividade dos grupos culturais a comunidade conta com aulas de zumba, ministradas por uma líder comunitária da comunidade de Estivas por dois dias semanais: quarta e sexta feira.

A partir do relato coletado junto da (E4 e também por meio de levantamentos de dados bibliográficos, pôde-se confirmar que durante o Festival Cultural Quilombola é fortalecida a cultura, a memória e a identidade cultural, dos remanescentes do quilombo, residentes nas seis comunidades quilombolas: Castainho, Estivas, Caluete, Timbó, Tigre e Estrela, do município de Garanhuns-PE, onde essas comunidades se fortalecem através das manifestações culturais, com apresentações no Festival de Inverno de Garanhuns (FIG) e em suas próprias comunidades, tendo em vista o concurso da mais Bela Quilombola, composto por jovens quilombolas. Sendo esta

uma das atrações mais aguardadas do Festival Cultural Quilombola, como pode ser observado no depoimento a seguir:

A gente herdou côco que os antepassados, pra fazer o piso da casa, dançavam, a gente herdou o côco e as outras danças: ciranda, afoxé, maracatu. Vai por espetáculo, a gente dança também afro, a dança dos guerreiros. Os mais velhos vieram trazendo e ensinando os mais novos e os mais novos vieram ensinando pra gente. Tem a dança afro, só dança mulher, mas têm os meninos da percussão, o nome do grupo é Negra Atitude. Ao todo são trinta participantes. Quando tem festa nas outras comunidades elas chamam a gente, aí a gente vai se apresentar lá. Na festa daqui e na do Castainho a gente vai apresentar lá e Castainho aqui. O povo do Tigre a gente vai lá e eles vem pra cá. Também tem o coral Vozes do Quilombo; se apresentam quando chamam. A das meninas pequenas é na quarta também. É Afro mirim. Tem vinte meninas. Aqui tem um ponto de cultura. Poucos saíram daqui. Poucos vão embora e depois voltam. A gente começou no aniversário da associação de um ano, dois anos, três anos, fomos gostando, aí vamos modificar o nome agora pra ficar uma coisa cultural. Comemoração de um ano, de dois anos, de três anos e no quarto ano a gente já modificou para festival. (E4). (CAVALCANTE & ALCANTARA, 2016).

Através das visitas exploratórias na Comunidade Quilombola de Estivas foi possível ter um breve conhecimento sobre o uso de plantas para fins medicinais, onde se pôde identificar como outra forma de fortalecimento da resiliência dos moradores da comunidade, o uso de remédios naturais, para curar alguns problemas de saúde. Tendo conhecimento da existência dessas plantas e de suas utilizações foi realizado um levantamento para mapeamento das espécies cultivadas pelas pessoas da comunidade.

O levantamento para mapeamento das plantas medicinais da comunidade de Estivas foi realizado por meio de uma entrevista dirigida, com a finalidade de investigar e compreender possíveis indicadores de resiliência presentes nas pessoas e na comunidade a partir do uso de plantas medicinais. Com o resultado da pesquisa, foram encontradas as seguintes plantas: (Quadro 1).

4.3 QUADRO 1. Discriminação das plantas para fins medicinais encontradas na comunidade Quilombola de Estivas.

Planta	Parte da Planta	Para que serve	Modo de preparo
Pitanga	Folha	Infecção, inflamação, intoxicação, febre, sinusite	Chá.

		(abortivo), dor de barriga, cólica.	
Erva cidreira	Folha	Infecção, inflamação, desintoxicação, febre.	Chá.
Capim-santo	Folha	Dor de barriga, desintoxicação.	Chá.
Goiaba	Folha	Diarreia, infecção, dor de barriga.	Chá.
Hortelã miúda	Folha	Asma, sinusite, melhorar a respiração.	Chá e lambedor.
Laranja	Folha	Calmanete.	Chá.
Tetrex	Folha	Infecção, cicatrizante.	Chá.
Pinhão roxo	Folha	Mal olhado, cicatrizante.	Uso tópico em ferimentos.
Alecrim	Folha	Tosse, problemas respiratórios, inflamação e dores nas articulações.	Lambedor.
Sabugueira	Folha	Febre, gripe.	Chá e uso tópico em feridas.
Anador	Folha	Dor de barriga, cólica.	Chá.
Umbú do verdadeiro	Casca da parte interna	Sapinho em boca das crianças.	Garrafada.
Eucalipto	Folha	Febre, gripe, resfriado, rinite, sinusite, asma.	Cozimento para inalação, chá, uso tópico.
Hortelã da graúda	Folha	Bronquite, inflamação.	Lambedor.

Quadro 1. Levantamento das plantas para fins medicinais da comunidade de Estivas.

De acordo com os dados encontrados na comunidade quilombola de Estivas foi possível identificar sinais de resiliência nos moradores da comunidade a partir do uso de plantas medicinais para curar algumas doenças. Desta forma, as pessoas da comunidade buscam alternativas locais ao uso de fármacos industrializados. Além de fortalecerem a cultura local, estão buscando criar soluções locais e caseiras, praticamente sem custos financeiros, para lidar com eventuais doenças. Esta mobilização dos moradores demonstra criatividade para enfrentar dificuldades adversas com possíveis problemas de saúde nas pessoas. Esta ação é característica de pessoas e comunidades resilientes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho iniciou-se na Comunidade Quilombola do Castainho e foi ampliado para a Comunidade Quilombola de Estivas, onde se buscou reproduzir e ajustar a metodologia adotada em Castainho para outra comunidade quilombola do município de Garanhuns.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, foi possível perceber que os moradores são resistentes em meio às adversidades e as superam constantemente no momento em que se mobilizam, buscando sempre melhorias em prol do desenvolvimento da comunidade, acesso e direito a igualdade social no tocante a suas lutas. Tais atitudes evidenciam sinais de resiliência, tanto nas lutas, como na resistência dos integrantes das comunidades em preservar e manter os seus costumes e tradição quilombola.

Esse estudo possibilitou conhecer alguns aspectos da resiliência em alguns moradores da Comunidade do Castainho e Estivas, que podem repercutir em outras comunidades quilombolas, existentes no município de Garanhuns. O que fez com que percebêssemos a sua força e necessidade de valorização da sua cultura e tradição quilombola. Assim, como de sua importância histórica e cultural para a cultura local.

Entretanto, verifica-se sinais de resiliência tanto nas pessoas como nas comunidades, devido ao histórico de luta pela terra, as superações por dificuldades vivenciadas e também pelos moradores do Castainho e Estivas manterem-se tradicionalmente preservados na cultura e tradição quilombola, seguida por seus antepassados, na relação com a terra e nas manifestações culturais.

Através dessa experiência foi possível conhecer parte da memória histórica e da identidade cultural dos integrantes das comunidades quilombolas em questão, bem como identificar crenças e práticas de resiliência comunitária, especialmente das mulheres, através das atividades culturais realizadas por cada integrante e pelo modo de manterem-se defensores da tradicional cultura de comunidades quilombolas. Desta forma, observamos como fortalecem o vínculo com a terra e a sua cultura, bem como o processo de transmissão geracional de tais elementos culturais a fim de manter suas crenças e práticas como culturas que, mesmo abertas e em movimento, configuram-se como resistentes frente aos efeitos agressivos externos devido aos laços grupais tecidos pela resiliência.

Em março de 2018, durante intervenções socioculturais propostas pela disciplina “Patrimônio Histórico e Cultural”, regressamos a campo em conjunto com alunos do curso de Auxiliar de Produção Cultural, do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC – IFPE) visitando moradoras, líderes anciãos, igreja católica local, Associação comunitária, lideranças políticas e instituições educativas como a Escola Municipal Vigília Garcia Bessa, localizada no

interior da Comunidade do Castainho. Na ocasião apresentamos os resultados da pesquisa, compartilhando saberes com a comunidade e cumprindo o papel integrador entre as instituições educadoras e as comunidades tradicionais. Tal visita, além de exitosa e positivamente aglutinadora, atuando na colaboração para a construção da cidadania quilombola e na luta pela garantia de seus direitos, foi um convite ao constante retorno e às reflexões que tendem a gerar novas problemáticas de investigação social.

Referências

- ALCÂNTARA, E. **Resiliência Urbana de Cidades Costeiras: um recurso para enfrentar as mudanças climáticas – Resiliência comunitária**. Relatório Final. Programa Nacional de Pós-Doutorado. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano. Recife, 2014. No prelo.
- ALCÂNTARA, E.; BARBOSA, R. R.; FURTADO, F; LANCELLOTTI. Vulnerabilities and resilience of communities living in circumstances of risk. In: MIRA, R.G.; DUMITRU, A. (org.) **Urban Sustainability: Innovative spaces, vulnerabilities and opportunities**. Xoan Vicente Viqueira Institute for Psychosocial Studies and Research. Deputación da Coruña, IAPS International Association People-Environment Studies, 2014.
- ALCÂNTARA, E.; CUNHA, P. CAVALCANTI. E. Insurgências contra o capital na disputa pela terra: o Estelita, no Recife e os quilombolas em Garanhuns, PE. In: XVI ENANPUR **Espaço, planejamento e insurgências: alternativas contemporâneas para o desenvolvimento urbano e regional**. Belo Horizonte, 2015.
- ANGROSINO, Michel. **Etnografia e observação participante**. Coleção Pesquisa Qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. Coisas ditas São Paulo: Brasiliense, 2004.
- CARUSO, Carla. **Zumbi, o último herói dos Palmares**. 2. ed. São Paulo: Instituto Callis, 2009. (A luta de cada um).
- CAVALCANTE, E. V. S.; ALCÂNTARA, E. **Resiliência Comunitária da Comunidade Quilombola do Castainho, Garanhuns-PE**. In: X CONNEPI X Congresso Norte Nordeste de Pesquisa e Inovação, 30 de novembro a 03 de dezembro de 2015. Acre, 2015.
- CAVALCANTE, E. V. S.; ALCÂNTARA, E. **Resiliência da Mulher Quilombola nas Comunidades Quilombolas, Castainho e Estivas, Garanhuns-PE**. In: XI

CONNEPI XI Congresso Norte Nordeste de Pesquisa e Inovação, 06 de Dezembro a 09 de dezembro de 2016. Alagoas, 2016.

ELIAS, Nobert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FEATHERSTONE. Mike. **O desmanche da cultura**: globalização, pós-modernismo e identidade. São Paulo: Studio Nobel/SESC, 1997.

FRANKL, V. E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. Petrópolis: Vozes, 2006.

GROTBERG, E. Introdução: novas tendências em resiliência. In: Melillo, A.; Ojeda, E. S. (org). **Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e memória**: reconstituição por meio da fotografia. In: O fotográfico. SAMAIN, Etienne. (org.) São Paulo: Hucitec, 1998.

MELILLO, Aldo; Elbio Nestor S. Ojeda. **Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas**. São Paulo: Artmed. 2005.

PINHEIRO, Débora Patricia Nemer. (2004, janeiro/abril). **A resiliência em discussão**. Psicologia em Estudo, 9(1). Recuperado em 25 de janeiro, 2009, da Scielo (Scientific Eletronic Library On Line): www.scielo.br

SENA, J.R.F., **Maracatus Rurais do Recife**: entre a religiosidade popular e o espetáculo. Dissertação de mestrado em Ciências das Religiões. (Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba – PPGCR-UFPB). João Pessoa: UFPB, 2012.

TURATO, E. R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**: construção teórico- epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. Petrópolis, RJ: Vozes, p.685, 2003.

VOVELLE, Michel. **Ideologias e Mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

WALKER, B.; HOLLING, C.; CARPENTER, S. e KINZIG, A. (2004) Resilience, adaptability and transformability in social–ecological systems. **Ecology and Society**, 9 (2), 5.

WALSH, F. **Fortalecendo a Resiliência Familiar**. São Paulo: Roca, 2005.